

Por amável deferência da Exma. Senhora Dona Maria Teresa Ruivo Ribeiro, sempre atenta a todas as formas de manifestação da Arte, chega-me às mãos a versão italiana, por Marcello Lenzini e Maria Luisa De Luigi Rotondi, de *Les Celtes*, de Paul-Marie Duval, que a editora Gallimard, de Paris, tão familiar aos estudiosos da História Antiga, publicou em 1977.

A divulgação deste manual foi simultânea com a espectacular exposição de arte céltica que, no Palazzo Grassi, em Veneza, decorreu de Março a Dezembro de 1991. *Espectacular* não é exagero, porquanto os materiais expostos, em qualidade e em quantidade, foram esmagadores, por mais exigente que se seja. O mesmo já não diremos dos textos que os acompanharam, a cuja redacção não presidiu um critério estritamente científico. Poderá sempre alegar-se que esta mostra cultural céltica se não destinou exclusivamente a especialistas, mas ao público em geral. Ainda assim se poderia ter evitado um certo número de lapsos que, se não desfeiam a Exposição, tornam os respectivo catálogos (que é o que fica!) instrumentos de trabalho de manuseio futuro muito acautelado. Porquê? Pela existência de deficiências de expressão ou carência de informação, de que já apresentaremos, por amostragem, alguns exemplos.

Porquê, porém, nesta altura uma exposição de arte céltica antiga? Antes de mais, penso eu, pela localização dos Celtas e das suas zonas de expansão no contexto territorial euro-asiático, que cobre praticamente todos os países que hoje são Europa — uma Europa em coesão — que os torna culturalmente credores dos povos actuais; depois, pela riqueza e diversidade do espólio hoje conhecido, que, como se observa no «prefácio» deste livro, foi, erradamente, considerado, até aos anos vinte deste século, como simples imitações, sem valor original.

A exposição céltica de Veneza foi museologicamente um sucesso, estou em crer, tanto quanto me posso aperceber pela análise dos textos disponíveis. Que o primeiro embate do visitante com o mundo dos Celtas tenha sido proporcionado pelo encontro com uma obra-prima da cultura

helenística, ainda que através de uma réplica romana, como é o *Gaulês Moribundo*, é muito para louvar. A distribuição dos Celtas na Europa antiga, a entrada dos Celtas na História, Príncipes e Chefes e suas honras, a Cultura de la Tène, os Tesouros da Arte Céltica, o Tempo dos Guerreiros (importância dos sepulcros de militares, testemunhos reveladores de uma sociedade que amava a guerra), os Celtas na Itália, os Celtas no Danúbio, o *bottino* dos Deuses, Exemplares de Escultura, de que resta muito pouco, o Culto dos Animais, os Celtas da Ibéria, os *Oppida* célticos, Trabalhos e Dias (título de uma secção, a lembrar a obra de Hesídeo Ἔργα καὶ ἡμέραι, como se não se soubesse hoje que o título original era só Ἔργα, «Trabalhos»), Numismática Céltica, O Mundo dos Deuses e dos Mortos, os Celtas na Britânia, Naus e Navegações Célticas no séc. I a. C., A Mensagem («O missionário céltico que percorre a Europa inteira, difundindo os manuscritos dos seus *scriptoria*») e a Herança Cultural, presente na arte, na literatura e na sensibilidade do mundo contemporâneo, eis os temas fulcrais da Exposição.

Erudição, riqueza, diversidade, inteligência, competência, tudo ao serviço de uma enorme ambição artística e museológica efectivamente conseguida.

Quanto aos textos, sim, aí haveria muito a dizer.

O leitor sentir-se-á um tanto embaraçado ao ler no livro de Duval (traduzimos): «Os Celtas existiam desde há muito quando, no séc. V a. C., o seu nome é pela primeira vez citado por um grego da Ásia menor, o «storico» Heródoto, a propósito da Espanha»; e no *Catálogo*, ou guia, da Exposição: «O nome dos Celtas aparece na literatura somente a partir do séc. VI a.C.»

Afinal, em que ficamos? A meu ver, na informação de Heródoto, que é do séc. V, mas a quem hoje ninguém designa por *historiador* ou *historiógrafo*, mas sim por *logógrafo*, não obstante o multissecular apodo de «Pai da História». Mas Heródoto não fala dos Celtas «a propósito da Espanha», mas sim da Ibéria, que é diferente. Ainda se dissesse Hispânia...

No capítulo da «entrada dos Celtas na história», expôs-se e comentou-se o mais antigo documento escrito, datado da primeira metade do séc. VI a.C. Trata-se de um grafito (prefiro a «esgrafito»), num Vaso de Castelletto Ticino, do antropónimo XOSIOI, que se traduz por «di Kosios». Ora estes nomes, em objectos cerâmicos, ou são marca (nome) do fabricante ou nome do destinatário; do fabricante, em genitivo, e então «di Kosios» está certo; ou do destinatário, em dativo, e não está certo. A palavra, de feição nitidamente grega, é dativo, o que exige a tradução, portuguesa, «para Cóssio» (tenho presente a forma NVMASIOI — é diferente, eu sei — da fíbula de Preneste).

Já que de linguística falamos, direi que, para mim, a maior falha do livro de Duval e do guia da Exposição de Veneza é a falta de um capítulo ou de uma secção dedicada ao *Património Linguístico dos Celtas e Sua Sobrevivência nas Línguas Românicas*. Para nós, Portugueses, é de grande importância, como continuadores dos Lusitanos.

Portugueses, para quem é doloroso verificar como somos esquecidos, ou confundidos com Espanhóis: nem um só livro de autor português, ainda que Mestre Leite de Vasconcelos tenha consa-

grado aos Celtas páginas que mantêm actualidade; ainda que a bibliografia portuguesa relativa a *torques* e a *guerreiros lusitanos* (celtas) seja imensa, ainda que o nosso Museu Nacional de Arqueologia proporcione exemplares de arte céltica inestimáveis, para só lembrarem o Museu Arqueológico Nacional, de Madrid.

E isto, apesar de na Exposição terem figurado peças de grande raridade, que já foram nossas, portuguesas...

Justino Mendes de Almeida